

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS
QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO
CELEBRAÇÕES

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Data: Março de 2001

Entrevistador: Mario Friedländer

2. LOCALIZAÇÃO

Sítio inventariado: Festança de Vila Bela

Localidade: Cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade

Município/UF: Vila Bela da Santíssima Trindade/Mato Grosso

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

Denominação: Festança de Vila Bela

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Nome: Mância Frazão de Almeida

Data de nascimento: 10/02/1947

Sexo: Feminino

Endereço: Rua Projetada 20, s/nº, Jardim Aeroporto, Vila Bela

Ocupação: Funcionária Pública Municipal (Merendeira)

Outras ocupações: voluntária da Pastoral da Criança / membro do grupo musical Aurora do Quariterê / benzedeira / capelona / cantora do Chorado.

Onde nasceu: Vila Bela/MT

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

5.1. COMO PARTICIPA DA CELEBRAÇÃO? O QUE FAZ E DESDE QUANDO?

Participa como cantora do Grupo do Chorado e como capelona nas rezas cantadas nas casas dos festeiros.

6. DESCRIÇÃO DA CELEBRAÇÃO

6.1. ÉPOCA

"Desde que me entendi por gente, a festa era em Maio; passou para Setembro devido as circunstâncias de muita coisa que era difícil para nós aqui; depois foi para Julho e esta até hoje."

Data: Móvel (normalmente a penúltima semana de Julho)

Duração: Aproximadamente 12 dias

Periodicidade: Anual

Celebrações Associadas: Festa do Divino Espírito Santo / Festa de São Benedito / Festa das Três Pessoas da Santíssima Trindade.

6.2. ANOS DE OCORRÊNCIA DA CELEBRAÇÃO DESDE 1990

Ocorreu em todos os anos de 1990 a 2001.

6.3. QUAIS OS MOTIVOS DA CELEBRAÇÃO?

Invocação religiosa.

6.4. QUAIS AS ORIGENS DA CELEBRAÇÃO?

"Depois que os negros ficaram por aqui, ficou a diversão; muitos Santos que a gente venerava; surgiu a festança do negro mesmo."

6.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À CELEBRAÇÃO?

"Minha família morava em Pontes e Lacerda, na Vila dos Pretos, junto ao posto Telegráfico e ao Correio. Todos os anos, todos vinham para a festa na Vila Bela; íamos a pé levando um cavalo e um boi que carregavam nossas coisas. Dormíamos na Lagoa do Encanto, sempre com medo dos índios que eram muitos bravos e não davam sossego. Todo mundo dos sítios e arraiais próximos da vila, iam para a festa. Eram de Casalvasco, Suzano, Boqueirão, Morcego, Bastos, Joaquina Gomes e Manga. Eram arraiais com muita gente; todo mundo vinha; eram fileiras de canoas cheias de gente; vinham também montados pelo picadão, com os cavalos enfeitados com colares de flores e penas de ema, muito bonito. O povo criava galinha, porco, boi, todo mundo ajudava. Os homens tiravam palha e madeira; as mulheres iam para a cozinha, matar porco, fazer lingüiça; não tinha divisão entre o povo; quase não tinha dinheiro; conheci dinheiro com nove anos de idade. A Festança era o mês inteiro. Comíamos os bois e porcos até os restos; comia até os últimos dias; aí fazia paçoca e colocava no sapicuí, botava na canoa e o pessoal voltava pra casa com sua

matula. Na vila o povo dormia nas casas dos parentes; cada um trazia seu couro de boi; forravam as canoas pras crianças irem em cima; não tinha esse negócio de rede de dormir, nem colchão. As camas eram forradas com couro de boi, muito depois começou fazer colchão com folha seca de bananeira e esteira de palha de bananeira trançada."

"A escolha dos festeiros é no sorteio, faz o sorteio e quem cair, caiu. A Irmandade promove o sorteio, são 12 da Irmandade de São Benedito. Essas 12 pessoas fazem os papelzinhos e põe no copo com o nome de todos que estão participando da festa, quem quer cair de festeiro e quem não quer. No meio dos nomes vão os papelzinhos escrito Juiz e outros, quem vai tirar lenha, quem vai apanhar água, assim que é. O que mudou um pouco é que depois da Páscoa, saiam aqueles 12 da Irmandade vestido de "Opa", saia de casa em casa pra receber o dinheiro, e hoje eles pegam o dinheiro direto com a pessoa. Tem também, da mesma cor da "Opa", o saquinho que levava no braço antigamente, pra colocar o dinheiro. Eles visitavam as casas, as pessoas já sabiam o dia que ia sair, ficavam esperando. Tinha uma chicha, corria qualquer coisa, um bolo, antes de passar a oferta pra Irmandade. Aquilo era um caixa para os festeiros que antes de começar a festa, tem que ter a vela de cera, a jóia pronta. Aquele dinheiro era pras pessoas que não tinham condição pra comprar as velas. São 4 velas grandes de 1 metro, hoje já compra as velas pequenas, colocava nas taças antigas que tinham na igreja, eram 8 ou 10 taças. Aquilo lá tudo nem sei pra onde que foi. Aquilo ficava tudo enfileirado até chegar no altar, aqueles castiçais grande. Faz muitos anos que não tem mais isso aí. Os castiçais não sei pra onde foi, porque as pessoas que cuidavam dos pertences da igreja não esclarecia pro povo, e as irmandades foi deixando. Porque as irmandades era o mesmo que ser um Prefeito ou Vereador, as irmandades era como um fiscal do Juiz e da Juíza. Qualquer pertence que some da igreja a Irmandade tinha que estar investigando quem tomava conta da igreja. Não tinha Padre, o Padre vinha com muito tempo, demorava 3 anos, 4 anos, 5 anos, 9 anos pra vir. As famílias cuidavam da igreja. O responsável desde quando eu entendi por gente era o tio Nilo, pai de Dona Astrogilda, ele que cuidava, depois passou pro Seo Marcelo, pai de cumadre Nemézia, e assim vem vindo."

"A tradição aos poucos tá acabando, por um parte vai correndo corretamente como era, mas hoje em dia já está bem diferente, não é mais como era. Aquela animação que as pessoas tinham, hoje cada um tem seus afazeres, a gente festava a semana inteira, o mês inteiro, hoje em dia a pessoa

já não tem esse tempo mais pra dançar, só tinha sua roça e de noite tá dançando."

"Os capelães era Seo Ricardo "Dada" e Seo Ricardo Ramos, hoje vai acabando as capelonas que tira as rezas, porque tem que passar pras outras pessoas, mas os de hoje não quer mais aprender. Eu aprendi a ser Capelona na escola com a professora Cirila, o dia de sábado era pra fazer bordado de manhã, e a tarde ensinar a tirar reza, e as pessoas que ela sabia que tinha aquela intuição pra ser Capelona, ficava, quem não tinha vocação, tirava. Eu aprendi a tirar reza com a minha professora, nós tudo, eu, cumadre Justina. Eu aprendi assim."

8. REALIZAÇÃO

8.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?

"O que meus avós contavam, quando eu nasci já achei. Porque a festa era primeiramente o Senhor Divino no sábado, daí vinha segunda-feira São Benedito, no outro domingo Três Pessoas, mas pra chegar aí tinha: Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição, tinha Mãe de Deus, até chegar nas Três Pessoas, tudo com Juiz, Juíza, tudinho igualzinho as outras festas. "Os negros dançavam, gostavam demais de dançar, dançavam a semana inteira, o mês inteiro e quando era de dia tava no serviço. O baile era com sanfona, violão; a gente gostava muito de dançar o baile. Trabalhava de dia e de noite ia pra casa do compadre, cada um com seu litro de pinga. Meu avô era fabricante de pinga, a pinga Trabuco, uma das primeiras que entro em Vila Bela. Era a Trabuco, a Pingüim, a do finado Marcelo, a Piquira feita no 'Arrozal'.

8.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

"Tinha a Festa de Marujo. Depois que eu fiquei mais menina, acabou. Dançante e Marujo era o nome da festa. Eu lembro das vestes do Marujo que era quase como o bumba meu boi, mas as 'modas' meu pai deve saber; misturou um pouco com o Congo."

10. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

10.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?

Angélico Leite Ribeiro

Endereço: Rua Projetada 20, Jardim Aeroporto, Vila Bela

10.2. HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?

"Destas festas de Santo acabou tudo; só tem ainda Nossa Senhora da Boa Esperança no Casalvasco Velho, que todo ano vão fazer a festa, mas não mora quase ninguém mais lá. Meu avô, aí no Suzano, festejava São Pedro e Nossa Senhora do Carmo. Era uma festa que o povo aqui da vila ia; era aquela canoada; chegava lá era festa, era semana de festa. Lá tinha corrida de cavalo, tinha o jóquei Gersinho que vinha de Cáceres para correr; eram muitos cavalos que corriam. Meu avô Valentim foi um dos fundadores da corrida de cavalo. Vinha cavalo de toda região. Quando falava que ia chegar a Festa de São Pedro, então os povos com dois meses antes já tava treinando, era cavalo contra cavalo, apostava e ganhava, quem apostava em dinheiro era pago na hora; aquilo era uma diversão. Tinha a corrida de homens, 100 metros, eram 10 ou 12 homens, que chegava primeiro era premiado, era como futebol de hoje. Aqui na Vila Bela mesmo, os rapazes corriam da esquina onde era o Correio até a beira do rio. Dia de Sábado, de tarde, era a hora de fazer a corrida. O esporte era isso.

Lá no meu avô Valentim, a festa era Nossa Senhora do Carmo e São Pedro. São Pedro ainda tem na casa do meu pai Venâncio. Nossa Senhora do Carmo está em Pontes e Lacerda com minha tia.

Quando ia ser a festa de São Pedro, uma semana antes nós enchíamos o garrafão de pinga e enterrava no terreiro, enterrava com canjinjin; botava até no galho de árvore na beira do rio; dependurava os garrafões com corda no fundo d'água, ninguém sabia. Os garrafões menores iam no terreiro, 10 a 12 garrafas tudo no terreiro. Com uma semana varrendo todo dia, não dava pra 'divulgar' onde estava; depois que terminava a reza no dia do Santo, pelas 2 horas da tarde pra frente, aí era o Chorado; aí ia 'caçar' aonde estava o enterro; aí a turma ia procurar dançando o terreiro inteiro. As vezes levava dois dias pra achar, e até uma semana pra achar a última. Enquanto isso a festa tava no centro, todo dia; era de dia era de noite. De repente o povo falava 'tá no rio', aí o pessoal tudo pegava a canoa e saía procurando na baía até achar, era tão bonito, ficava 'coalhado' de canoa naquela baía, todo mundo procurando, e a sanfona, acordeão, violão tocando, era uma festa.

A festas mudaram muito. A gente fazia todas as coisas unido, e hoje, já vende um pouco, e nem todos participam. Quem mais participa hoje é o povo que vem (os vilabelenses que moram foram); os daqui mesmo não participam muito; é muito poucas pessoas."

13. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

13.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA?

Sim. Mância é uma líder espontânea. Detém muitas informações sobre as festas e muitas lembranças sobre as comunidades rurais negras de Vila Bela.

13.2. OUTRAS OBSERVAÇÕES

"Da Serra da Borda pra cá, era o patrimônio da Vila Bela, pertencia as famílias que moravam na vila, ninguém era dono de nada, até a divisa com a Bolívia. Hoje os vilabelenses não têm mais nada, eu mesmo não tenho um pedaço de terra nem pra plantar uma roça de mandioca; tamo no ovo aqui. Tudo que era nosso aqui em Vila Bela, a gente não tem o direito mais.

Eu acho que nós temos o direito de tomar as terras de volta, por que aqui no 'Buracão', aonde nós tirava a nossa poalha, que meus pais, meu avô criou a gente com a poalha, ia tirar a poaia lá na Santa Elina.

Lá mesmo em Nova Lacerda, era de Vila Bela, tudinho esse patrimônio. Lá era a sobrevivência nossa. Nós temos o direito, mas não somos reconhecidos, não tamos vencendo. Muitas coisas que nós temos ficou tudo para os outros.

Eu quero, eu quero, o que eu mais desejo antes de morrer, eu gostaria de ver o patrimônio nosso, tudo na nossa mão.